

A Corrosão da Educação na Farsa no TCC

Gilson L. Volpato – 05/12/2014

O trabalho de conclusão de curso (TCC) parte de uma premissa correta num ambiente errado. Pedir ao aluno para fazer um trabalho prático para concluir seus estudos não está, de forma alguma, errado. O problema é o que fizeram com o TCC. Embora o TCC possa assumir várias formas, pois o T (trabalho) pode ser várias coisas, inclusive construção de tecnologias e outros trabalhos técnicos, aqui me refiro ao TCC que busca treinar no aluno a construção de um texto científico.

Hoje, para orientar TCC basta ser professor e estar “habilitado oficialmente” para tal tarefa. O problema é que muitos que orientam TCC sequer sabem o que é ciência de bom nível. Quando os professores carecem desse conhecimento, pois não trilharam rotineiramente os corredores da ciência de bom nível, começam a inventar palpites para balizar o que acreditam ser um discurso científico, a partir dos quais engessam e distorcem o TCC. Com isso, engessam o cérebro do aluno, matando-o para a ciência: seja incutindo conceitos errados ou fazendo o aluno odiar ciência.

Nesse quadro, são comuns as tais regrinhas. Lógico, quem não sabe fazer tem que seguir regrinhas. Já imaginaram ensinar regrinhas para Tom Jobim construir melodias? E regrinhas para Vinícius de Moraes fazer poesia? Ou mesmo para um cientista olhar as informações e criar objetivos de pesquisa geniais? A pesquisa científica e o texto decorrente envolvem necessariamente processos criativos e críticos.

Na área de humanas as coisas são piores ([veja](#) o desespero desta aluna que chegou a forjar sequestro para se livrar do prazo do TCC – lógico que não exige as falhas da aluna). Os formatos que professores exigem no TCC muitas vezes já atestam o tamanho da ignorância e do problema. Isso é piorado pela falta de formação do aluno, criando um bicho de sete cabeças. Num país em que a maioria é analfabeto funcional, mas é estimulado a virar doutor, cria-se um falso ambiente de progresso que apenas alimenta ratos que usam dessa ignorância para ganhar dinheiro desses coitados iludidos. Lógico, todos querem ter algum título e o de cientista não está entre os piores (note que se usarmos um discurso populista para dizer que você terá a profissão de cientista, logo teremos muito adeptos). Nessa expectativa, jogam sobre esses alunos tarefas confusas, dentro de um discurso rebuscado, prepotente e pseudo-erudito, alimentado pela quantidade como indicador de qualidade (por ex., número de página, número de referências bibliográficas, quantidade de resultados etc.).

Como consequência desse desespero a que os alunos são submetidos (confusão + cobrança - orientação = desespero), sites e livros (recentemente até e-book) desonestos se apresentam como salvadores da pátria, como a última esperança. Prometem fórmulas mágicas para o aluno transpor a barreira que ele nem sequer compreendeu qual é. É um cenário similar às igrejas que vendem milagres ou lotes no céu, cujos pastores e padres enriquecem cada vez mais e as soluções são sempre paliativas. Chegam a prometer soluções definitivas para a redação e “curas” milagrosas para fazer um TCC nota 10. E alunos que foram despreparados pelo sistema precário de ensino caem nessa ladainha, injetando aí dinheiro e sem levar em troca aprendizado algo sólido e construtivo.

Esse sistema, que parte de um erro lógico de construção de conhecimento e de formação de alunos, serve de substrato para o desenvolvimento desses ratos de nossa sociedade. Incompetência junto com esperteza, que tira o dinheiro sofrido dos coitados e alimenta um crescimento impossível. A fórmula é antiga, mas no TCC é revestida de erudição. Muitas escolas particulares mamam nesse sistema, em coautoria com professores incompetentes e oportunistas que se escondem por detrás do título e assustam alunos que os consideram o máximo. A melhor forma de se manter no topo dessa hierarquia é não deixar o aluno entender completamente, criando sempre discursos evasivos e deixando os alunos “livres” para resolverem o que não entenderam. E quando não entendem ficam com a impressão de que são mesmo incompetentes para entenderem o que passa na mente brilhante desses professores que sequer sabem ensinar.

O TCC, no sentido que coloco, não é diferente de qualquer outro discurso científico. O quadro acima traçado pode decorrer de mentes maquiavélicas que querem destruir nosso ensino, ou, mais provável, da ignorância instaurada temperada com pitadas de arrogância. A dificuldade para publicação em revistas de bom nível internacional, bastante generalizada entre os pesquisadores brasileiros, decorre grandemente de nossa dificuldade de entender as bases da ciência e do meio científico. Quem é cientista de bom nível consegue publicar em revistas de bom nível internacional (dizer que depende da área é balela para justificar incompetência). Quando vemos que avaliação da revista Nature o Brasil é o 50º de 53 países em termos de aproveitamento do dinheiro investido em pesquisa para transformar isso em publicação de bom nível (veja [“Baixa eficiência científica brasileira”](#)), percebemos que a questão é muito séria.

Estimular criação e manutenção de revistas problemáticas apenas diluiu esse problema, passando a mão na cabeça das pessoas e dizendo *“sua pesquisa é boa, nós a publicaremos”*. Isso não resolve. Temos que subir esse patamar e descer do pedestal. Fazer e ensinar ciência exige capacidade científica e educadora, duas coisas estranhas para nossa pós-graduação, teoricamente formadora de cientistas, mas na prática muito mais produtora de pesquisas por meio do serviço dos pós-graduandos. Essa é nossa triste realidade.

Voltemos ao TCC. Vejo e recebo e-mails de alunos completamente perdidos em relação ao tal TCC. A primeira pergunta que me vem é: “seu orientador morreu? A escola faliu?”. Entendo que há uma total falta de instrução e orientação a esses alunos. Em alguns casos o aluno é tão mal preparado que não entende a explicação do orientador, mas foi esse próprio sistema de ensino que o possibilitou chegar ao estágio burocrático para “fazer o TCC”. Veja que os problemas vêm de diferentes fontes, mas são reais, perturbadores e convergem para um mesmo ponto: a falta de capacidade formadora científica.

Quando dizem as balelas sobre a estruturação de um texto científico (falo de apenas 101 delas em meu livro *“Pérolas da Redação Científica, 2010”*), estão apenas confundindo a cabeça dos coitados. Bastava mostrar ao aluno que ele deve apresentar o problema que quer resolver e justificar porque estabeleceu tais objetivos para essa empreitada. E essa justificativa depende de lógica! Se o aluno precisa de protocolos, check-lists e regrinhas para fazer uma “argumentação”, reprove-o! Não estamos falando de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental; falamos de universitários, muitos dos quais querem ser cientistas. Antigamente os universitários discutiam política, filosofia, sociologia, liam livros e debatiam... hoje eles focam no facebook, assistem BBB, novelas de Globo, conversam pelo celular... muita coisa mudou e as instituições de ensino superior não estão mudando esse quadro na velocidade necessária para o nosso país.

Na construção do TCC, a maior falha dos alunos está na dificuldade que têm para constituir argumentações bem fundamentadas. E os professores erram por não trabalharem adequadamente com os alunos essa questão, mas cobrarem isso deles. Não se forma universitários e cientistas passando informações, mas dando a eles elementos de ligação para trabalharem as informações que recebem a todo momento.

O desespero com o TCC revela a lacuna de raciocínio que existe nesses alunos. Revela também o quanto os professores estão perdidos nessa tarefa. Muitos deles sequer publicaram algum artigo científico na vida. Quantos alunos se recordam com prazer e alegria do período de realização de seu TCC? Da amostra que tenho acredito que uma vasta maioria se lembra como algo ruim do qual conseguiu se livrar. Como dizia nosso saudoso Rubem Alves, o corpo rejeita aquilo que não nos faz sentido. O mesmo acontece com muitas provas, que os alunos fazem questão de esquecer o que aprenderam a partir do término da prova. O corpo está rejeitando esse conhecimento. Sabem por que? Porque ele não tem conexão com o corpo; é um objeto estranho. E essa falta de conexão não decorre simplesmente da falta de aplicação prática; decorre da falta de sentido lógico. Quando as coisas não têm conexões lógicas, ficam dispersas e sem razão para a existência. É isso que parece estar representando para muitos um TCC. Assim, não pode ser uma jornada prazerosa.

E esse desamor com o TCC se repete na Dissertação e na Tese de doutoramento. Por quê? Exatamente porque as pessoas não estão entendendo as partes dentro de um todo coerente. O tal “Referencial Teórico” virou um monstro, um algo que não se compreende. Meu Deus! Todo discurso científico tem um referencial teórico... óbvio! Só não precisa ficar discursando sobre isso. Qualquer artigo científico, de qualquer área, tem o tal referencial teórico e ele aparece nas entrelinhas, na abordagem do autor e, algumas vezes, de forma mais explícita. É apenas a teoria, o pressuposto teórico que guia o autor em suas considerações. É mais simples do que parece. Mas querem transformar isso num tópico que o aluno tem que escrever para mostrar ao orientador que leu ou que entendeu o ponto.

Uma das falhas na orientação de TCC (Dissertações e Teses) é querer que o aluno escreva para provar que leu (estilo “lição de casa”). Entra aí também a tal “revisão da literatura” (veja [vídeo](#)). É absurdo pedir para um aluno incluir isso no texto. Cria-se um aglomerado de informações (às vezes históricas) que ficam desconexas. É bem diferente o aluno conhecer a literatura e usar as informações relevantes para fundamentar o que deve ser fundamentado. Esse texto “revisão da literatura” apenas confunde o aluno, pois ele pensa que isso faz parte do discurso científico. Veja a raridade de artigos publicados na ciência internacional de bom nível e que incluem esse tópico. E se você acha que exista a tal “ciência nacional”, acho bom repensar sua existência.

O amor à erudição confusa também atrapalha, e muito! Parece que tudo que a pessoa consegue entender com facilidade é superficial. O que é nebuloso, confuso, maior que sua compreensão... esse sim é neo-alguma-coisa e deve ser legal. Essa cultura ao obscurantismo precisa ser eliminada de nossa ciência. Certa vez dei uma palestra na Capes e um dos comentários indiretos foi que tinha sido superficial. Ora, apenas mostrei com palavras simples conceitos complexos. Mas parece que se a pessoa entende o explicado, então não deve ser profundo, pois ela entendeu. O profundo é sempre o incompreensível. Para disso vem de nossa raiz com a Filosofia, que ama palavreados herméticos (nem todos, mas uma vasta maioria de filósofos, infelizmente). Não foi Albert Einstein que dizia que se você não consegue explicar algo para uma criança de 6 anos, então você não entendeu isso que deseja explicar? Afinal, eu costumo brincar dizendo que filósofo famoso não sabe escrever bem, pois tem gente fazendo doutorado para propor o que o tal filósofo estava querendo dizer!

Precisamos cultivar uma postura diferente. Aquela da clareza conceitual e explicativa, alicerçada por razões lógicas (que não excluem motivos emocionais). É esse tipo de raciocínio que temos que alimentar e desenvolver cada vez mais em nossos alunos. Clareza e síntese deveriam ser aplaudidas e não desprezadas (“mas só escreveu 5 páginas? Pode aumentar...”). Escreve claro, quem pensa claro. Erudição é outra coisa. Mas é exatamente a clareza e profundidade do conhecimento que está faltando. Quando os alunos não sabem o que fazer num TCC, é porque não está sendo dado a eles o substrato necessário. O desespero com o TCC é o desespero de uma nação que acha que dá para fazer ciência por meio de “jeitinhos”.

Ensinos equivocados deveriam ser confrontados até as últimas consequências. Na minha instituição vejo orientações vindas de pró-reitoria alertando que para ensinar a escrever um texto científico a pessoa deve ser formada em Letras. Duvido e desafio que uma pessoa de Letras consiga ensinar um aluno a estruturar e redigir um artigo científico para ser publicado em boas revistas internacionais, nas três áreas do saber. Ao ministrar aulas de redação científica a alunos do primeiro ano na universidade, tenho percebido que eles ainda estão em franca possibilidade desse aprendizado. A mente ainda não está travada. Eles aprendem muito bem a parte estrutural e lógica do discurso (carecem, obviamente, de informações específicas da área, mas essas são mais fáceis de transmitir). Mas depois de alguns anos no sistema universitário, vários estão tão travados que rejeitam a exigência de liberdade de pensamento. Querem regrinhas para o pensamento científico. Além disso, já têm a prepotência da escolaridade (no fundo, todos querem chegar ao topo encurtando caminho – esquecem-se de saborear cada degrau). Afirmam, algumas vezes: *mas meu orientador falou que...*

O que expus acima é o que acredito ser um dos principais problemas da ciência nacional. Temos uma escola equivocada inculcando besteiras na cabeça dos alunos. Com isso, as dificuldades futuras serão certas, às quais se reage por meio de jeitinhos uma vez que não se compreende a base do pensamento científico. E jeitinhos levam até mesmo a condutas fraudulentas. Enquanto os ensinos de ciência e de redação científica não ultrapassarem a esfera dos protocolos, dos check-lists e das regrinhas, entrando na profundidade das bases teóricas do conhecimento, não há esperança para a ciência brasileira (exceto para os poucos diferenciados, mas eles não são a nação). Portanto, o processo deve começar com os professores; ao menos aqueles que têm a sapiência de se permitir estar errado. Fora isso, manteremos o sistema tradicional de achar que o Brasil é o que uma minoria faz. Essa elitização do conhecimento apenas reflete a elitização financeira de nosso país. O Brasil será um país de ciência quando ele respirar ciência nas escolas de Norte a Sul, de Leste a Oeste, mesmo que diferença sempre existirão (o que é natural e interessante). Fora isso, a discriminação educacional continuará para alimentar os ratos do sistema.

0-0-0-0-0-0-0-0-0-0